

DEPENDÊNCIA QUÍMICA NA CONTEMPORANEIDADE: UMA VISÃO SOBRE O CONTROLE DA DEPENDÊNCIA

CHEMICAL DEPENDENCE IN CONTEMPORARY: A VIEW ON CONTROL OF DEPENDENCE

Magno Pinto de Oliveira¹
Raira Larrainy Santos da Silva²
Fabilson Cutrim Santana³

RESUMO: Este trabalho apresenta revisão bibliográfica sistemática sobre dependência química e sua compreensão sobre os impactos que as drogas trazem à vida dos indivíduos e da sociedade. O tema da dependência em drogas está muito presente em todas as camadas da sociedade, percebendo-se que essa prática vem crescendo de maneira assustadora ao longo dos tempos. Traz pontos relevantes sobre a naturalidade com que o uso de tais substâncias passou a ser visto pelos usuários e pelo possível senso de controle presente em seu repertório verbal. É muito comum se ouvir entre eles que os usuários têm um certo controle sobre o uso das drogas, que as utilizam quando querem e param quando querem. Dessa forma, este trabalho faz-se relevante para a discussão do conceito de controle exercido pelas pessoas, analisando esta realidade de uma forma científica, para que se possa esclarecer muitas dúvidas pertinentes a este tema. O estudo em questão utiliza conceitos da análise do comportamento no entendimento do “controle” e sua influência nos comportamentos dos usuários de drogas, apoiando-se em pesquisa qualitativa para subsidiar a organização do trabalho, por meio de revisão bibliográfica dos principais teóricos do tema em questão e o entendimento desta temática numa visão comportamental.

927

Palavras-chave: Análise do Comportamento. Dependência Química. Conceito de Controle.

ABSTRACT: This work presents a systematic literature review on chemical dependence and its understanding of the impacts that drugs bring to the lives of individuals and society. The issue of drug addiction is very present in all layers of society, realizing that this practice has grown frighteningly over time. It brings relevant points about the naturalness with which the use of such substances came to be seen by users and the possible sense of control present in their verbal repertoire. It is very common to hear among them that users have a certain control over their use of drugs, that they use them when they want to and stop when they want to. In this way, this work is relevant for the discussion of the concept of control exercised by people, analyzing this reality in a scientific way, so that many doubts relevant to this topic can be answered. The study in question uses concepts of behavior analysis to understand “control” and its influence on the behavior of drug users, relying on qualitative research to support the organization of work, through a bibliographic review of the main theorists of the theme in question and the understanding of this theme in a behavioral view.

Keywords: Behavior Analysis. Chemical Dependency. Control Concept.

¹ Vinculado a Faculdade Santa Luzia. Especialista em saúde mental e atenção psicossocial pelo Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto. Pós-graduado em neuropsicologia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci-uniassevi. Graduado em psicologia pela faculdade CEUMA. E- mail: psicologomagnooliveira@gmail.com.

²Graduada em psicologia-Faculdade Integral Diferencial-FACID, Teresina-PI. Pós-graduada em Psicologia do Trânsito-Faculdade Evangélica do PI-FAEPI. Formação em Gestalt terapia-coaching, RH, cursos e capacitações profissionalizantes, TERESINA, PI. E-mail: psicoraira@hotmail.com.

³ Vinculado ao Centro Universitário leonardo da vinci-UNIASSELVI. Graduado em fisioterapia pela Faculdade do Piauí. Pós-graduado em fisioterapia hospitalar na Faculdade inspirar-Curitiba. Pós-graduado em coluna vertebral-fisioterapia nas disfunções mecânicas, ceará fisio-CE. Pós-graduado em fisioterapia intensiva pela Faculdade Única. E-mail: fabilsonfisio23@outlook.com.

INTRODUÇÃO

A dependência de substâncias químicas é um tema de grande relevância social, que está presente em todas as camadas da sociedade, percebendo que essa prática vem crescendo de uma maneira assustadora ao longo dos tempos.

Segundo Ferreira (2003), um dos motivadores para o uso de drogas é a curiosidade, por se tratar de algo proibido. Além disso, há também a falta de informação sobre os efeitos das drogas na vida das pessoas, o que facilita a sua experimentação. Outro fator de grande relevância é a presença de dificuldades familiares, apontando o uso de drogas como alternativa para fugir dos problemas.

Pesquisas indetificam um forte crescimento da utilização dessas substâncias na contemporaneidade. Conforme os dados apresentados por Palhano (2015), existem mais de 30 milhões de dependentes químicos, mostrando que os jovens cada vez mais cedo se encaixam nesse processo de utilização, apresentando um comportamento de utilização de uma ou até várias substâncias ao mesmo tempo. Essas drogas são capazes de causar dependência individualmente, apresentando um grande número de pessoas com múltiplas dependências.

O alto consumo de substâncias químicas nos faz repensar o que leva essa grande categoria de pessoas à ingestão de tais substâncias, já que elas trazem grandes problemas sociais à vida das pessoas, como afirma o portal da educação:

Atualmente, o uso de drogas tem se tornado crescente em toda a sociedade, independente do sexo, idade, raça ou classe social. Quando falamos sobre este assunto, é impossível deixar de associar a ele a questão da violência. As drogas entraram na sociedade de uma maneira devastadora, fazendo vítimas a todo o momento. Famílias destruídas pela violência urbana que tem como principal causa esta dependência doentia. (PORTAL DA EDUCAÇÃO, 2015).

A partir dessa conotação da problemática, este trabalho propõe buscar a compreensão dos comportamentos dos indivíduos que utilizam drogas, para que possamos buscar ferramentas que possibilitem a transformação desta realidade, focando nas contingências determinantes do comportamento de se drogar, a fim de modificá-las, estabelecendo, assim, contingências que gerem reforçamentos a esses indivíduos.

De acordo com Palhano (2000) ao analisar situações corriqueiras do dia a dia, percebe-se que a utilização de substâncias químicas passou a ser habitual em muitos grupos. Para Skinner (1978) a comunidade verbal exerce forte controle sobre vários

comportamentos do indivíduo, desta forma entende-se que o comportamento de usar ou não a droga esta intimamente ligado ao contexto social do qual o indivíduo esta inserido tornando-se determinantes na manutenção desses comportamentos.

Trataremos pontos relevantes sobre a normalidade com que o uso de tais substâncias passou a ser visto pelos usuários e pelo possível senso de controle presente em seu repertório verbal.

A dependência química e os desafios para o controle do uso de drogas, é tomado como objeto de estudo, o referencial teórico é comportamental, fazendo uso dos termos da teoria da aprendizagem social para ilustrar e compreender a etiologia do uso das substâncias psicoativas.

DEPENDÊNCIA QUÍMICA

De acordo com Palhano (2000) as diversas conotações pertinentes ao tema da dependência química nos mostra uma grande quantidade de termos e teóricos na tentativa de clarificar tal fenômeno e suas implicações no cenário da sociedade contemporânea, buscando a compreensão dos motivos que levam as pessoas a utilizar tais substâncias, já que elas trazem grandes prejuízos físicos e psicológicos.

Palhano (2015) apresenta que o consumo de drogas pelos jovens vem crescendo em uma velocidade descontrolada, pois, a todo o momento podemos ver nos telejornais o alto índice de violência e morte, motivado pelo uso dessas substâncias. Isso faz com que pensemos: O que se passa na “cabeça” desses indivíduos? Será que não reconhecem tal calamidade?

No comportamento de pessoas que utilizam drogas, o que se identifica a partir de Skinner (1978) é que o repertório verbal se mostra muito arraigado ao comportamento de se drogar, mostrando que o usuário de drogas fala repetidas vezes que, “usa drogas na hora que quer e que as utiliza apenas pra curtir o momento e para que este dure mais”. A partir dessa afirmação, seria então possível a escolha e o controle do uso dessas substâncias?

Os termos substância ou drogas referem-se a compostos químicos que são ingeridos pelas pessoas. Essa definição inclui substâncias lícitas como álcool, nicotina e cafeína, esta última presente no café, refrigerantes, chocolates, além das drogas ilícitas como cocaína, heroína, maconha, dentre outras. O simples gesto de tomar café pela manhã, fumar um cigarro ou tomar um copo de cerveja com um amigo, são exemplos de uso de substâncias, assim como o consumo ocasional de drogas ilícitas como a maconha e a cocaína ou, ainda, o uso de substâncias com emprego clínico como anfetaminas ou barbitúricos. Os efeitos imediatos das substâncias ingeridas (e.g., embriaguez ou euforia) podem levar a

perturbações do estado emocional e a problemas motores como falar ou andar, além de intoxicações por substâncias que se refere a reações fisiológicas às substâncias ingeridas (BARLOW; DURAND, *apud*, BRITO, I, *et al*, 2008).

O tema da dependência química é alvo de grande preocupação por parte do governo, universidades, escolas e profissionais da área da saúde, pela grande dimensão que este representa na sociedade. Existe vários conceitos para explicar o que seria a dependência química, como o de Sandri (2010):

Para entender o fenômeno da dependência química, o primeiro aspecto a ficar claro é o fato da dependência ser uma doença que causa alterações cerebrais na pessoa afetada. A doença se estabelece através do uso repetido de uma substância que aos poucos vai modificando o funcionamento do cérebro, levando o indivíduo ao abuso compulsivo e abusivo da substância.

Percebe-se como o autor pontua que a dependência química provém de uso frequente da droga e causa modificações em níveis cerebrais e comportamentais. Quanto ao transtorno de substâncias estimulantes, o DSM-5 (2014, p.561) expõe que:

A- Um padrão de uso de substâncias tipo anfetamina, cocaína ou outro estimulante levando a comprometimento ou sofrimento clinicamente significativo, manifestado por pelo menos dois dos seguintes critérios, ocorrendo durante um período de 12 meses:

- 1- O estimulante é frequentemente consumido em maiores quantidades ou por um período mais longo do que pretendido.
- 2- Existe um desejo persistente ou esforços malsucedidos no sentido de reduzir ou controlar o uso de estimulantes
- 3- Muito tempo é gasto em atividades necessárias para a obtenção do estimulante, em utilização, ou na recuperação de seus efeitos.
- 4- Fissura ou forte desejo ou necessidade de usar estimulante.
- 5- Uso recorrente de estimulantes resultando em fracasso em cumprir obrigações importantes no trabalho, na escola ou em casa.
- 6- Uso continuado de estimulantes apesar de problemas sociais ou interpessoais persistentes ou recorrentes causados ou exacerbados pelos efeitos do estimulante.
- 7- Importantes atividades sociais, profissionais ou recreacionais são abandonadas ou reduzidas em virtude do uso de estimulantes.
- 8- Uso recorrente de estimulantes em situações nas quais isso representa perigo para integridade física.
- 9- O uso de estimulantes em situações nas quais isso representa perigo para a integridade física.
- 10- Tolerância, definida por qualquer um dos seguintes aspectos:
 - a. Necessidade de quantidades progressivamente maiores do estimulante para atingir a intoxicação ou efeito desejado.
 - b. Efeito acentuadamente menor com o uso continuado da mesma quantidade de estimulantes.
- 11- Abstinência, manifestada por qualquer dos seguintes aspectos:
 - a. Síndrome de abstinência característica para o estimulantes.

- b. O estimulante (ou uma substância estreitamente relacionada) é consumido para avaliar ou evitar os sintomas de abstinência.

Segundo Omote (1996), a conduta de um dependente somente poderá ser considerada como doença, de acordo com laudo emitido por um profissional da área, ou mais precisamente um psicólogo. Para que se possa identificar se o usuário é um dependente químico, se faz necessário todo um cuidado e atenção, respeitando alguns critérios como os propostos pela OMS: manifestações fisiológicas, comportamentais e cognitivas características; prioridade ao uso da substância; forte desejo de consumir a droga; recaídas após a abstinência; dificuldade em controlar o consumo; presença dos sintomas de tolerância e sinais de abstinência e persistência do uso, apesar dos danos causados pelo consumo (PALHANO, 2000).

Palhano (2000) mostra que a característica central da dependência química é a presença de um desejo irresistível de consumir essas substâncias, apresentando-se dois aspectos importantes que podem ser observados nesse processo: o fenômeno da tolerância e abstinência causadas por uma etapa final de um longo processo de uso de uma ou várias substâncias.

Segundo a Sociedade Beneficente Israelita Brasileira⁴, existem sinais e sintomas que caracterizam a dependência química. Aponta como características biológicas a tolerância e a abstinência, pontuando sobre o conceito da Organização Mundial da Saúde, que define a tolerância como "a necessidade de doses crescentes da substância psicoativa para alcançar efeitos originalmente produzidos por doses mais baixas." A partir da compreensão desse fenômeno da tolerância, o indivíduo passa a sentir o efeito da droga em menor escala. Isso faz com que ele aumente a quantidade de consumo, com o intuito de sentir as mesmas sensações anteriores.

Quanto ao conceito de abstinência, o DSM-5 (2014, p.569) destaca que são necessários alguns critérios diagnósticos como:

- A. Cessação (ou redução) do uso prolongado de substâncias tipo anfetamina, cocaína ou outro estimulante.
- B. Humor disforico e duas (ou mais) das seguintes alterações fisiológicas, desenvolvidas no prazo de algumas horas a vários dias após o critério A.
 1. Fadiga.
 2. Sonhos vívidos e desagradáveis.
 3. Insônia ou hipersonia.
 4. Aumento do apetite.

⁴O trecho citado foi retirado do site, álcool e drogas sem Distorção (www.einstein.br/alcooledrogas/) / NEAD - Núcleo Einstein de Álcool e Drogas do Hospital Israelita Albert Einstein, não apresentando autor responsável, remetendo os créditos ao domínio da própria instituição

5. Retardo ou agitação psicomotora.
- C. Os sinais ou sintomas do critério B causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.
- D. Os sinais ou sintomas não são atribuíveis a outra condição médica nem são mais bem explicados por outro transtorno mental, incluindo intoxicação por ou abstinência de outra substância.

O fenômeno da abstinência se mostra muito importante na compreensão da dependência química. Apresentando as características do DSM-5 supracitadas, podemos perceber o grau de comprometimento que as drogas provocaram no indivíduo. Palhano (2000) afirma que nesse estágio de dependência, a abstinência se apresenta como um grande propulsor da manutenção desse comportamento de se drogar, pelo fato da necessidade fisiológica de utilizar esses entorpecentes.

Outro ponto que podemos destacar é o poder que a ingestão de drogas causa nos indivíduos e a forma que elas reagem no organismo trazendo grande “prazer” passando a ser determinantes na manutenção desses comportamentos.

O uso prolongado da cocaína pode fazer com que o cérebro se adapte a ela, de forma que ele começa a depender desta substância para funcionar normalmente diminuindo os níveis de dopamina no neurônio. Se o indivíduo parar de usar cocaína, não já não existe dopamina suficiente nas sinapses e então ele experimenta o oposto do prazer - fadiga, depressão e humor alterado.(CARDOSO; SABBATINI,1999).

Desta forma, a utilização da droga permeia alterações de todo o funcionamento cognitivo, estimulando as sensações prazerosas ao indivíduo que, a partir do uso contínuo, passa a depender da droga em maiores quantidades, pela necessidade de manter seus efeitos no organismo. Esses efeitos mostram seu reflexo tanto no indivíduo como também na sociedade, mostrando-se como um fator de grande relevância social, pelo fato de trazer grandes prejuízos ao nosso sistema na contemporaneidade:

A sociedade atual vem passando por um drama que atinge milhares de cidadãos e muitas famílias. O uso de drogas e a dependência química. Sociedade esta que vem cada vez mais sendo tomada pela violência e por crimes que chocam a todos, cuja finalidade é roubar, agredir, ou matar alguém para comprar drogas ou até mesmo porque se está drogado. Mas, muitas vezes, nos perguntamos: isso tem solução? A resposta é complexa e exige uma mobilização do estado, da justiça, da educação, das famílias, dos jovens e da sociedade com um todo em todas as suas esferas. Campanhas de prevenção, uma boa educação, a conscientização dos efeitos da droga seria um dos meios para nos livrar de todo este mal. O que vemos na verdade é um cenário difícil de ser organizado, com famílias se despedaçando com valores perdidos e tomadas pelo sofrimento, o que com certeza deixará marcas na sociedade por muitos e muitos anos, perpassando gerações (GAZAL, 2012).

Segundo Palhano (2000), o estudo da dependência química nos mostra como “esta condição é incompatível com a vida e que fere todos os valores maiores da existência humana, prejudicando a autopreservação e a preservação da espécie”, nos declinando de uma manutenção saudável do corpo humano e de uma sociedade livre dos males que as drogas causam em razão de sua utilização.

DEPENDÊNCIA QUÍMICA E CONTROLE

Desenvolveu um modelo teórico que mostra como a dependência de drogas segue o padrão predito pela estratégia de melhoria. Para esse autor, ela pode ser entendida como um processo em que o consumo repetido de uma droga ocasiona a diminuição progressiva do valor reforçador de atividades, como família, trabalho, etc., em relação a atividades relacionadas com o consumo de droga. Segundo o modelo, o valor reforçador da droga também diminui nesse processo, porém em menor magnitude do que o das atividades concorrentes (HEYMAN *apud* GARCIA; MIJARES; SILVA, 2006).

Nesta perspectiva, o autor prediz que o comportamento do dependente é diferente na mesma proporção do comportamento do usuário não dependente, pela forma como este vai utilizar estratégias sobre o seu consumo. No primeiro, ele coloca como forma de melhoria, dependente, se o valor imediato da droga for maior que o reforçador local de outras atividades; e no segundo, o usuário consegue proporcionar o valor reforçador da droga na mesma quantidade com o das atividades concorrentes.

Postula que esse modelo explicaria os comportamentos de uso compulsivo da droga e da "perda de controle", característicos da dependência. Quando à preferência, encontra-se sob controle da estratégia de maximização (a obtenção da maior quantidade de reforços), quando o sujeito escolherá menos vezes usar a droga e mais vezes fazer outras atividades. Contudo, se a regra for a de melhoria, então ele optará pela droga mais vezes, ou seja, mostrará um alto padrão de dependência (HEYMAN *apud* GARCIA; MIJARES; SILVA, 2006).

Desta forma, o autor aponta que o processo de controle da utilização dessas substâncias não depende do próprio indivíduo, mas do modelo reforçador que a droga opera nele. Segundo Skinner (1971), o ambiente tem o poder de determinar o comportamento do indivíduo mesmo quando ele altera o ambiente. E, analisando essa

afirmação, a percepção que se tem acerca do controle absoluto é fictício. Skinner coloca que:

As limitações do controle pessoal levaram a um procedimento-padrão no qual as variáveis à disposição são primeiro manipuladas no sentido do estabelecimento e manutenção de contato entre controlador e controlado. Se esta aproximação for bem-sucedida, outras possibilidades de controle poderão se desenvolver(SKINNER, 2007 p. 343).

O controle na utilização de drogas esbarra nessa limitação, pois, como pontua o autor, no momento em que o indivíduo se aproxima do estímulo com sucesso, será então possível que se proporcionem outras formas de controle, seja pelo indivíduo ou pelo efeito reforçador da droga, o que não garante a possibilidade de o indivíduo exercer controle sobre as variáveis.

Palhano (2000) afirma que “a dependência impõe à pessoa um estado psicofisiológico caracterizado por uma necessidade descontrolada de consumir a substância de modo contínuo e periódico”. E assim passam a utilizar de forma descontrolada após um longo processo de uso de uma, ou várias substâncias.

Skinner, quando comenta sobre autocontrole em seu livro, aponta para a perspectiva de se encontrar uma forma de controlar alguns tipos de comportamentos.

Observemos a citação a seguir:

A noção de controle está implícita em uma análise funcional. Quando descobrirmos uma variável independente que possa ser controlada, encontramos um meio de controlar o comportamento que for função dela (SKINNER, 2007, p. 249)

Segundo o autor, a noção de controle é possível, de acordo com o que se postula em sua teoria, mas exige um manejo em descobrir quais as variáveis determinantes para que ela possa ser manipulada e controlada posteriormente, conseguindo assim exercer o comportamento autocontrolado.

Palhano postula (2000) que a droga age no organismo alterando seu estado “normal”, causando dependência física e psicológica. Na perspectiva de Skinner (1971), a dependência de um indivíduo em relação a uma determinada substância passa essencialmente pelo contexto social no qual essa pessoa está inserida. Dessa forma, tanto o comportamento privado e público em relação à dependência química tem suas variáveis de controle no meio social.

De acordo com Tourinho (2009), um problema bastante comum em relação ao comportamento de “escolha” está relacionado ao homem “autônomo”, pois o indivíduo que se considera livre tende a negar o controle de agências externas sobre seu

comportamento. Dessa forma, a negação de que o meio controla seu comportamento impossibilita o seu controle sobre as variáveis da qual seu comportamento é função. Fazendo um paralelo com o dependente químico “ ao dizer eu controlo a forma e quantidade de uso da substância”, ele atribui a si o controle do seu próprio comportamento, impossibilitando o seu real controle sobre a opção de usar ou não a substância.

UMA VISÃO DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DOBRE A DEPENDÊNCIA QUÍMICA

A análise do comportamento não se limita à análise experimental do comportamento. Como podemos constatar a seguir, ela se origina de uma posição behaviorista assumida por Skinner por motivos mais históricos do que, especificamente, lógicos. O entendimento de senso de ordem dos indivíduos emerge de uma simples observação cuidadosa do comportamento humano. Estamos continuamente analisando situações de nosso ambiente e predizendo o que as outras pessoas irão fazerem dadas circunstâncias, além de nos comportamos de acordo as relações estabelecidas pelo meio do qual estamos inseridos. O estudo científico do comportamento humano transforma-se e completa essa experiência comum, quando se apresenta a existência de mais e mais relações entre circunstâncias e comportamentos são desenvolvidas, e quando essas relações são demonstradas de forma mais precisa (SKINNER *apud* TODOROV, 2012).

935

Observemos o trecho a seguir:

As variáveis externas, das quais o comportamento é função, dão margem ao que pode ser chamado de análise causal ou fundamental. Tentamos prever e controlar o comportamento de um organismo individual. Esta é a nossa 'variável dependente' - o efeito para o qual procuramos a causa. Nossas 'variáveis independentes' - as causas do comportamento - são as condições externas das quais o comportamento é função. Relações entre as duas - as 'relações de causa e efeito' no comportamento - são as leis de uma ciência (SKINNER *apud* TODOROV, 2012).

A partir do que é colocado pelos autores, entende-se que o comportamento obedece às leis do ambiente para sua determinância. O comportamento do indivíduo dito dependente químico, então está sujeito a essas mesmas leis. Desta forma, compreende-se que o comportamento do dependente químico de usar ou não a droga, não está sob seu controle e sim sob o controle das variáveis das quais seu comportamento é função.

Segundo Palhano (2000), a dependência química impõe sua própria ordem e regularidade para o comportamento. Fazendo um paralelo com a análise do comportamento, o indivíduo que se encontra sobre a dependência de uma certa substância

química, dificilmente tem a condição de exercer controle sobre as variáveis das quais seu comportamento é função. Esse comportamento de usar as drogas e as variáveis de que este comportamento é função inclui tanto a droga, quanto o contexto onde ele usa, além das relações desenvolvidas a partir desse ambiente. Skinner vai destacar que:

Qualquer evento conspícuo que coincida com a emissão de um comportamento humano pode bem ser tomado como uma causa. A posição dos planetas no nascimento de um indivíduo, por exemplo. Geralmente os astrólogos não se arriscam a prever ações específicas de tais causas, mas quando eles nos contam que um homem será impetuoso, negligente, ou pensativo, devemos supor que se admite que as ações específicas serão atingidas. A Numerologia encontra uma espécie diferente de causas por exemplo, nos números que compõem o endereço de um indivíduo, ou no número de letras do seu nome. Milhões de pessoas recorrem a estas causas falsas em sua desesperada necessidade de entender o comportamento humano e manejá-lo com sucesso (SKINNER, 2007, p.25)

De acordo com essa perspectiva exposta, compreende-se que o comportamento verbal do indivíduo dependente químico por exemplo, de dizer que usar a substância somente quando quer ou que controla o uso, remete a um homem autônomo que é senhor de suas ações (TOURINHO, 2009). Dessa forma o homem que se considera livre em relação ao seu ambiente obscurece as verdadeiras causas para seu comportamento, desta forma o indivíduo que produz esses comportamentos verbais de dizer que ele controla o uso da substância torna-se a cada momento mais dependente, pois as reais causas de seus comportamentos não são reconhecidas impedindo assim um real controle das variáveis de quais seu comportamento é função, vejamos esse trecho a seguir que ilustra essa concepção:

Só há um pouco mais de século foi estabelecido o papel da seleção natural na evolução e apenas agora começa a ser reconhecido e estudado o papel seletivo do ambiente na formação e manutenção do comportamento do indivíduo. Contudo, à medida que se vai compreendendo a interação entre o organismo e o ambiente, os efeitos anteriormente atribuídos a estados de espírito, sentimentos e traços de carácter começam a ser vinculados a condições acessíveis, pelo que se torna exequível uma tecnologia do comportamento. Todavia, ela não se resolverá os nossos problemas enquanto não substituir os pontos de vista pré-científicos tradicionais, fortemente defendidos. A liberdade e a dignidade ilustram a dificuldade. São propriedade do homem autônomo. Da teoria tradicional e essenciais às práticas nas quais uma pessoa é responsabilizada pela sua conduta ou elogiada pelas suas realizações (SKINNER, 1971, p.26/27)

Skinner (1971) vai destacar a seleção dos comportamentos por suas consequências. Um dado comportamento, que é seguido por uma consequência que faz com que ele aumente de frequência é chamado de reforçador. A dependência química é, em sua grande maioria, estabelecida por reforçamento a curto prazo, o que dificulta a extinção do

comportamento. E, segundo Palhano (2000), por condições orgânicas do indivíduo, que dificultam a mudança desse comportamento.

Em consonância com a perspectiva Skinneriana, todo e qualquer comportamento está sujeito às múltiplas causas do ambiente para a sua origem. A dependência química guarda uma particularidade, a dependência orgânica da substância. Dessa forma, a dependência química passa pela dependência orgânica e, conseqüentemente, social, na qual o indivíduo que se encontra. Essa condição é extremamente reforçada por sua comunidade verbal.

Para Skinner (1978), a comunidade verbal desempenha um papel muito importante na instalação de qualquer comportamento. A pessoa que se encontra na condição de dependente químico está inserida em um conflito de contingências para o uso e para o não uso da substância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos em dependência química, imaginamos uma série de fatores envolvidos nesse contexto existente na sociedade, e como tudo isso implica em efeitos desastrosos ao indivíduo e à sociedade, como afirma Palhano (2000). Apesar disso, percebemos uma banalização exercida pelas pessoas que utilizam drogas e em seu contexto social.

A visão que se obtém acerca da dependência química na análise do comportamento nos mostra, a forma pela qual o ambiente determina o comportamento, mesmo quando o indivíduo age sobre ele. O sentimento de controle dos usuários, representados muitas vezes em seu relato, apresenta apenas um padrão de comportamento aprendido ao longo do tempo, desde que as drogas passaram a causar dependência de forma abrupta em todo o organismo do sujeito, levando em conta, principalmente, uma diversidade de variáveis decisivas sobre o comportamento de se drogar.

A compreensão que se obtém deste trabalho é que o controle no uso de drogas é fictício, porque, como afirma Skinner (2007), quando o indivíduo se direciona a essas contingências, abre uma nova série de possíveis expectativas de controle, que fogem da dominância do controlador.

De acordo (Brito *et al*, 2012), a pessoa que declara “eu uso drogas na hora que eu quero” ou “vamos usar apenas pra curtir o momento” ou, ainda, “quando eu quiser parar

eu paro”, dificilmente mudaria o seu próprio comportamento em relação ao consumo dessas substâncias. O indivíduo que gostaria de mudar o seu comportamento deve, em primeiro lugar, especificar o seu problema comportamental e estabelecer alguns objetivos, reconhecendo que seu comportamento é controlado não por si próprio, mas pelo meio no qual que está inserido. Para Skinner (2007), o sujeito primeiramente deve indentificar as variáveis das quais o seu comportamento é função, para que possam exercer controle sobre essas variáveis e assim desenvolver o comportamento autocontrolado.

Em suma o controle do uso de substancia psicoativas que provocam dependência é complexo e perparsa por contextos e variáveis pessoais e sociais de extrema complexidade em seu manejo e em sua modificação afetiva.

REFERÊNCIAS

BRITO, I.et al. **Sobre o comportamento de consumir e depender de substâncias**, 2008. revista.file:///C:/Users/CLIENTE/Downloads/56-234-1-PB.pdf. Acesso em 10.03.2022.

CARDOSO, S. SABBATINI, R. **Os efeitos da droga no cérebro**, 2009. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/no8/doencas/drugs/anim1.htm>>. acesso em 10.04.2022.

DSM-5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtorno mentais**. 5. ed. Porto Alegre. Artmed, 2014.

FERREIRA, V.R. **Relato de uma experiência com adolescentes sobre o uso de drogas**. São Paulo, 2003.

GARCIA; MIJARES; SILVA. **Dependência em drogas**, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642006000400012. Acesso em 12.04.2022.

GAZAL,D.**Drogas na sociedade**, 2012. Disponível em :<<http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/13910/drogas-na-sociedade>> acesso em: 15.abril.2022.

Neurobiologia da dependência química.parte VI: tolerância. Disponível em:<http://apps.einstein.br/alcooledrogas/novosite/atualizacoes/as_117.htm> acesso em 17.abril.2022.OMOTE, S. Perspectivas para conceituação de deficiências. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol. II, nº4, 1996. p. 127-135.

PALHANO, RUY. **Drogas: saiba mais a seu respeito**, São Luís: Lithograf, 2000.

PALHANO, RUY. **Trabalho Contra Dependência Química é Destaque no Chame o Psique**, 2015. <Disponivel em: <<http://g1.globo.com/ma/maranhao/bom-dia-mirante/videos/t/edicoes/v/trabalho-contradependencia-quimica-e-destaque-do-quadro-chame-o-psique/4563721/>>. Acesso em: 20. abril. 2022.

Portal Educação, Google Analytics, 2015. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/13476/drogas-e-violencia>>..Acesso em: 24.abril. 2022.

SANDRI, C. **Dependencia química**, 2010. Disponível em:<http://pt-br.infomedica.wikia.com/wiki/Depend%C3%AAncia_Qu%C3%ADmica>. Acesso em: 01.maiio.2022.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. II. ed.São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **O comportamento verbal**. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. **Para além da liberdade e dignidade**. Lisboa Portugal: Ed. 70. 1971.

TODOROV, J. C.**A psicologia como estudo de Interações**. Brasília. Instituto Walden4, 2012.

TOURINHO. E, Z. **Subjetividade e relações comportamentais**. São Paulo: Paradigma, 2009.